

O calvinismo nega a necessidade de oração?

Richard P. Belcher

As melhores horas da semana para mim (e suponho que para muitos pastores) são aquelas que sucedem ao culto de domingo à noite. Finalmente, eu posso relaxar! Elas constituem um tempo de refrigério entre a crescente pressão de uma semana e o início de outra. Habitualmente, gasto esse tempo na casa de Terry, apenas relaxando. Não conversamos sobre a igreja e sobre teologia! Não nos reunimos com outras pessoas! É o nosso tempo para conversar e perder nossa timidez, a fim de conhecermos melhor um ao outro.

Assim passei este domingo à noite (o domingo posterior à nossa segunda conversa sobre a expiação limitada). Estando na casa de Terry, o telefone tocou, e ela o passou para mim. Meu primeiro pensamento foi: quem da igreja está com um problema ou em alguma dificuldade agora?

Para minha surpresa não era um dos membros de minha igreja, e sim o diretor do comitê de púlpito da Primeira Igreja Batista. Ele gentilmente me disse: “Pensei que você gostaria de saber que, hoje à noite, votamos fazer-lhe o convite para que venha pastorear a nossa igreja”.

Eu fiquei chocado! Eles haviam votado fazer-me um convite, sem eu mesmo insinuar que estava interessado?! Como eles poderiam ter feito isso?

O meu silêncio pode lhe ter revelado meu estado de choque! E ele continuou oferecendo informações adicionais, enquanto falava.

“Eu sei que não tivemos a sua permissão, mas os membros insistiram em que deveríamos fazer isso, desde aquele domingo em que você esteve conosco. E a votação foi unânime!”

“Unânime?” — perguntei, quase estarelecido por essa declaração (pensando na presença do Dr. Bloom, enquanto recordava a sua acusação).

“O que o senhor me diz sobre o Dr. Bloom?” — perguntei.

“Essa é outra história”, ele respondeu com certa convicção em seu tom de voz.

“E uma história que eu preciso saber?” — perguntei-lhe.

“Bem, mais cedo ou mais tarde você saberá de tudo; por isso, acho que posso contar-lhe agora. O Dr. Bloom sofreu um ataque de coração hoje à tarde, poucas horas antes do culto da noite. Agora ele se encontra no hospital. Quando anunciamos no culto da manhã que à noite haveria uma votação a respeito de você, o Dr. Bloom fez um escândalo, dizendo que tal votação aconteceria somente se ele morresse! E parece que isso quase aconteceu!”

Eu não senti apenas emoções diferentes, quando desliguei o telefone, mas também senti que minhas emoções ficaram conturbadas. A Primeira Igreja Batista me havia chamado, por unanimidade, para ser o seu pastor, sem o meu conhecimento ou permissão! O Dr. Bloom estava no hospital, sofrendo de um ataque de coração que lhe sobreveio algumas horas antes da votação, depois de haver feito um escândalo na igreja devido ao fato de que a igreja queria realizar a votação. Agora eu tinha de tomar uma decisão que era difícil à luz do meu amor e apreciação pelos irmãos da Igreja Batista de Lime Creek, e à luz do fardo que eu sentia pela Primeira Igreja Batista, e à luz de meu tenso relacionamento com o enfermo Dr. Bloom.

Eu havia pedido ao diretor do comitê de púlpito uma semana para orar sobre o assunto. A resposta dele foi que eu poderia ter duas semanas ou mesmo um mês inteiro! Estavam convencidos de que eu era o homem para a igreja deles! Estavam dispostos a esperar que Deus sobrecarregasse o meu coração com aquela obra. Não houve mais sossego neste domingo à noite — um fardo pairava sobre mim!

No dia seguinte, após as minhas aulas, dirigi-me ao hospital na esperança de ver o Dr. Bloom. Acontecera um grande conflito em minha mente, antes de eu tomar esta decisão. Ainda permaneceram muitas perguntas, mesmo depois de eu haver decidido ir ao hospital. Ele me receberia? Havia a possibilidade de minha presença fazê-lo piorar? Ele faria um escândalo e me pediria que saísse de seu quarto?

Alguém poderia perguntar a mim mesmo por que eu decidira visitá-lo, se estas eram as possibilidades. Investiguei e descobri que seu ataque de coração não fora tão sério quanto se havia imaginado a princípio, visto que ele não estava na unidade de tratamento intensivo, e sim descansando bem em um quarto particular. Eu chegara à conclusão de que, não levando em conta as circunstâncias e as atitudes dele para comigo, eu tinha de agir motivado por amor. Esse era meu dever e obrigação diante do Senhor. A reação do Dr. Bloom era responsabilidade dele mesmo diante do Senhor.

Eu ainda estava com um pouco de ansiedade, quando me dirigi ao quarto dele e bati na porta. Empurrei a porta ante à solicitação de uma voz abafada no interior do quarto. Enquanto fazia isto, preparei-me para o que viesse a acontecer. Não esperava que o Dr. Bloom falasse; por isso, imediatamente, comecei a dizer-lhe: “Dr. Bloom, estou preocupado com o que lhe aconteceu!”.

A resposta dele foi tão fria quanto a sua admiração:

“Pointer, o que você está fazendo aqui. Você não é o meu pastor e provavelmente nunca o será, embora você possa pregar na Primeira Igreja Batista”. Observei que ele não disse: “Você possa pastorear na Primeira Igreja”.

Tentei ignorar a declaração dele, perguntando se havia alguma coisa que eu poderia fazer por ele. Obviamente essa não foi a coisa certa que eu devia ter feito, visto que abriu a chance para que ele falasse e me dissesse que o deixasse sozinho.

Procurei manter-me controlado e gentil, ao perguntar-lhe: “Posso orar em seu favor antes de sair?”

A resposta dele foi uma cutucada em minha suposta teologia; ele disse: “Quando um homem é calvinista, assim como você, Pointer, tudo já está predestinado de alguma maneira. Eu não posso ver o que você pode acrescentar através da oração”.

Com essas palavras, ele virou seu rosto para a janela, o que significou que suas costas ficaram voltadas em minha direção. Falei minhas últimas palavras na visita, quando disse gentilmente: “Espero que o senhor esteja de volta à faculdade em breve”.

Depois dessa declaração, saí, mas com um coração sobrecarregado. Esperava que o ataque de coração abrandaria a atitude do Dr. Bloom para comigo. Mas isso não aconteceu. Meus pensamentos voltaram-se para as atividades das aulas de verão, para o trabalho da igreja e para a inquietante decisão a respeito da Primeira Igreja Batista. O assunto da expiação geral ou limitada estava agora em segundo plano, pelo menos por enquanto, pois eu era um homem limitado com poucas horas disponíveis.

Apesar disso, o Dr. Bloom havia feito uma declaração que me inquietou, enquanto eu dirigia o carro. O que podemos dizer a respeito da oração? Como ela se enquadrava no calvinismo? O calvinismo a tornava desnecessária? Conclui que, se o calvinismo era bíblico e a Bíblia ensinava a necessidade da oração, na realização da obra do Senhor, não poderia haver contradição entre o calvinismo e as Escrituras. A oração tinha de ser um dos instrumentos que Deus utiliza para cumprir seus propósitos, bem como uma responsabilidade do homem diante de Deus. O calvinismo não nega a responsabilidade do homem em arrepender-se e crer, nem a responsabilidade do crente em viver uma vida piedosa, incluindo o instrumento e o privilégio da oração.

Fonte: *Uma Jornada na Graça: Uma novela teológica*, Richard P. Belcher, Editora FIEL, p. 118-121.